

Notícias ambientais

Brasil se torna referência na reintrodução de onças-pintadas

Suzana Camargo

6 meses ago



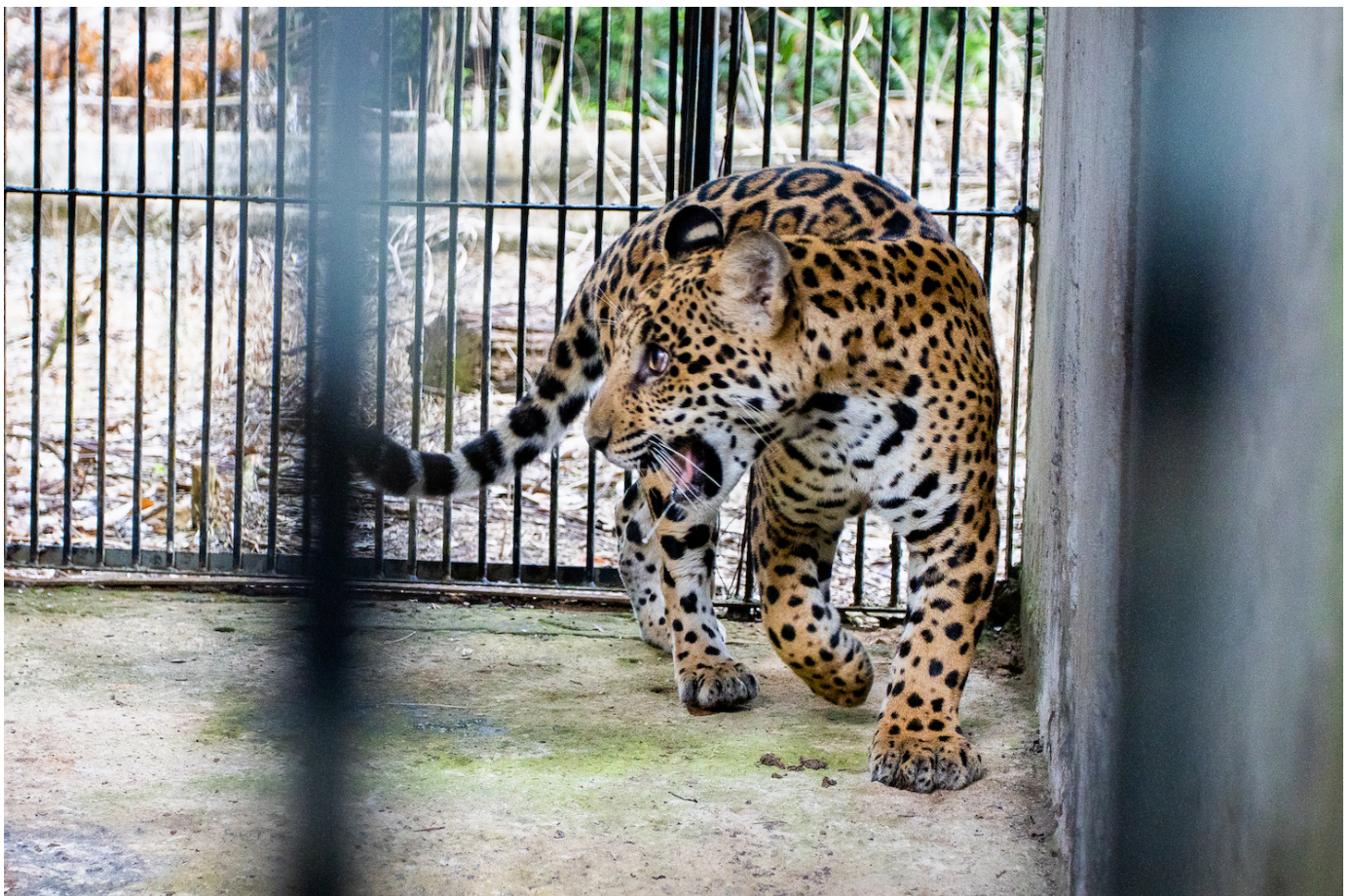
- *A primeira reintrodução de um macho de onça-pintada na Amazônia deve acontecer em 2024; será mais um numa lista de felinos que têm voltado à natureza graças ao trabalho pioneiro da associação Onçafari.*
- *O projeto começou em 2014, quando duas fêmeas órfãs foram reintroduzidas no Pantanal; em poucos anos, ambas geraram filhotes, e estes seus descendentes.*
- *Na Amazônia, porém, os desafios são maiores, como a presença da floresta fechada, que torna mais difícil o monitoramento; a equipe espera fazer da região um laboratório para a reintrodução em biomas ainda mais complicados, como a Mata Atlântica.*

- *O modelo brasileiro de reintrodução de onças-pintadas já está sendo exportado para outros países, como Argentina e México.*

Xamã tem um ano de idade. O filhote de [onça-pintada](#) (*Panthera onca*) foi encontrado sozinho, bastante desnutrido e debilitado, numa propriedade particular na região de Sinop, em Mato Grosso, em agosto de 2022. Não havia nem sinal de sua mãe. A suspeita é que ela tenha morrido ou os dois tenham se separado por causa de um incêndio de grandes proporções numa área próxima.

Resgatado por autoridades ambientais, Xamã foi levado inicialmente para o Hospital Veterinário da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e poderia ter tido o destino de outros órfãos como ele: acabar em um zoológico ou um santuário de animais.

Mas esse filhote tem um futuro diferente traçado para ele. Deve se tornar o primeiro macho de onça-pintada a ser reintroduzido na Amazônia. Ele irá aumentar a lista de indivíduos da espécie que têm voltado à natureza depois de serem resgatados ainda muito jovens, graças a um trabalho pioneiro realizado no Brasil pelo [Onçafari, projeto que alia ecoturismo, conservação e pesquisa científica](#).



O jovem macho Xamã, em seu recinto de reabilitação, no Pará, à espera de ser devolvido à natureza.
Foto: Noelly Castro/Proteção Animal Mundial

O pioneirismo brasileiro no processo de reintrodução de onças-pintadas começou por acaso. Já havia algumas tentativas feitas anteriormente por outras instituições, mas o passo inicial se deu após uma tragédia no final de 2014.

Naquela ocasião, uma família de onças foi parar no topo de uma árvore, descansando após uma travessia cansativa do Rio Paraguai. Polícia ambiental e bombeiros foram chamados, já que os animais estavam próximos de uma casa, e tentou-se sedar a mãe com dados tranquilizantes. Infelizmente, desacordada, ela caiu e morreu. Naquele momento, duas filhotes fêmeas ficaram órfãs.

“Ficamos sabendo do caso da Isa e da Fera em Corumbá e que elas tinham ido parar no Centro de Reabilitação de Animais, em Campo Grande. E aí, conversando com o Cenap [Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros], aventamos a possibilidade da reintrodução”, relembra Mario Haberfeld, fundador do Onçafari.

Apesar de certo ceticismo, em 2016, depois de passarem por um cuidadoso processo de adaptação à vida selvagem dentro de um recinto no meio do Pantanal, as irmãs se tornaram as primeiras onças-pintadas no mundo a serem reintroduzidas com sucesso na vida livre.

E o que exatamente comprova um processo bem-sucedido de reintrodução pelo crivo da ciência?

“Quando o animal reintroduzido gera descendentes e esses descendentes geram filhotes”, explica o biólogo Leonardo Sartorello, coordenador do setor de refaunação do Onçafari. “Ou seja, quando a Isa e a Fera se tornaram avós, foi considerado que o projeto deu certo.”



A onça Fera em liberdade no Pantanal. Foto: Edu Fragoso/Onçafari

Aprendizados e acertos Não existe no Brasil nenhum protocolo oficial para a reintrodução de animais silvestres na natureza. Quando isso acontece, órgãos dos governos estaduais e federais, como o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) ou o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Natural (Ibama), por exemplo, são consultados e precisam dar uma permissão, mas não há uma normativa, ou seja, um passo a passo para a devolução de espécies resgatadas ou vivendo em cativeiro à natureza.

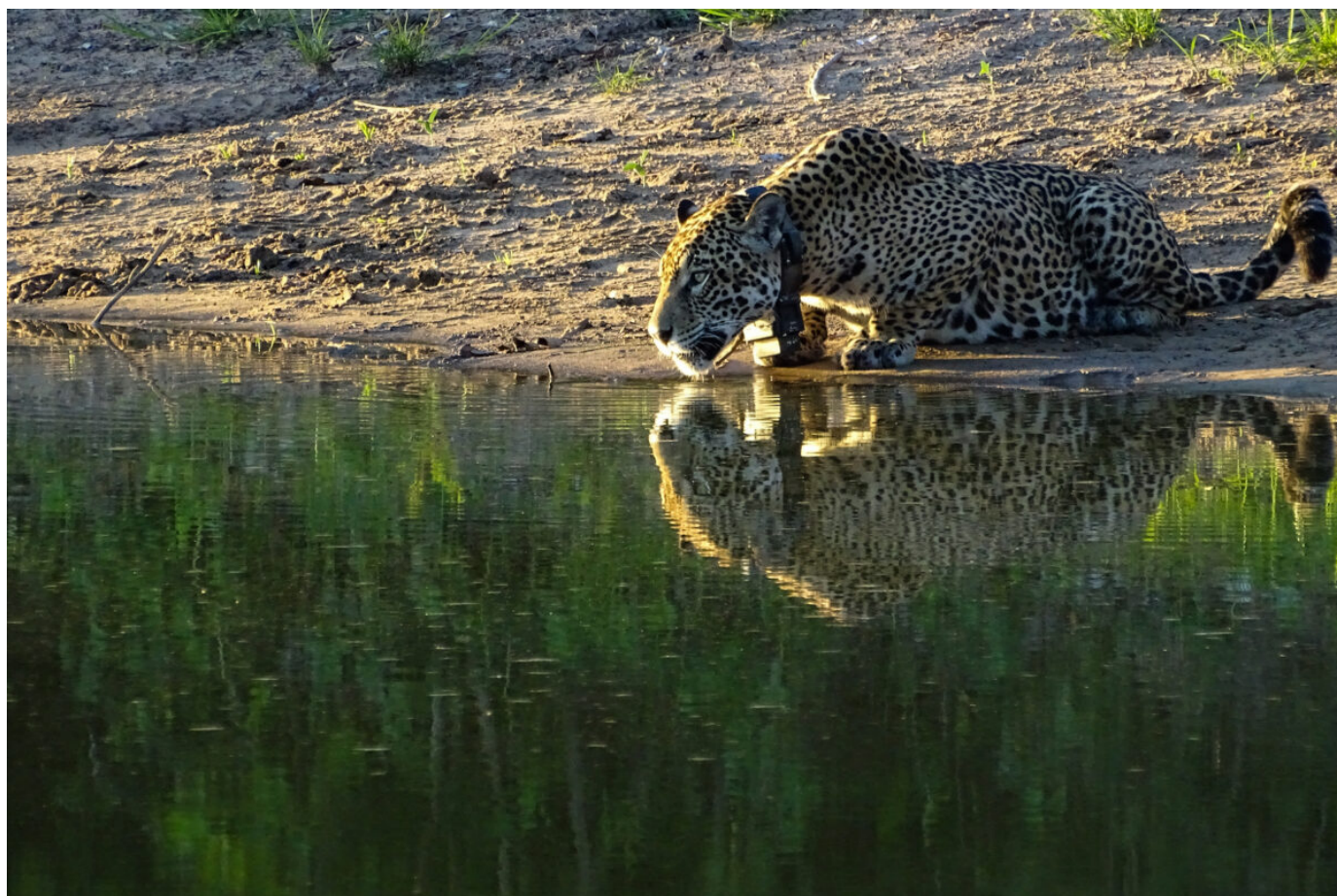
O aprendizado, no caso de Isa e Fera, ocorreu gradualmente. Segundo Sartorello, foi utilizado como base um protocolo da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) para reintrodução, com parâmetros para tamanhos de recintos, e ainda outro empregado para guepardos, na África, ambos adequados para as onças-pintadas.

“Foram muitos aprendizados. Era uma coisa nova. Costumo dizer que nada substitui a experiência no campo”, ressalta o biólogo.

O Onçafari tinha um grande conhecimento dos hábitos da espécie devido ao trabalho de habituação feito no Pantanal, necessário para que esses animais não se sentissem ameaçados diante dos veículos de safári e, dessa maneira, turistas pudessem observá-los à distância.

Todavia, com Isa e Fera dentro do recinto de aclimatação, pouco a pouco a equipe aprendeu mais sobre o comportamento desses felinos. Como eram dois indivíduos, havia uma hierarquia de quem comia primeiro e de como exatamente presas vivas eram abatidas. Era possível ainda ver a interação com outras onças diante do alambrado, seja de submissão ou ataque.

O recinto onde Fera e Isa ficaram, situado no Refúgio Ecológico Caiman, no município de Miranda (MS), tinha cerca de 8 mil m² e seis câmeras pelas quais acompanhava-se parte do dia a dia das irmãs. O contato humano foi reduzido ao máximo.



A fêmea Isa, ainda com o colar de monitoramento via GPS, no Pantanal. Foto: Edu Fragoso/Onçafari

Uma das lições aprendidas é que, por estarem num cativeiro, se faz necessário desenvolver o instinto nesses animais.

“O animal precisa ter um estímulo, você precisa gerar isso nele. Se ele não tem fome, não vai caçar. Isso nos chamou muito a atenção na época, éramos inexperientes e fomos na tentativa e erro”, conta Sartorello. “Muitas vezes tentávamos oferecer um pedaço de carne e no dia seguinte uma presa viva. E começamos a reparar que não ia funcionar. O animal precisa ter fome, de fato um jejum, para forçar ele a caçar.”

E a oferta dessas presas vivas segue etapas, o que Habermeld compara com fases de videogame, em que é necessário “passar de fase” para seguir para a próxima.

“Primeiro soltamos no recinto animais menores, mais dóceis, mais fáceis de serem abatidos. Com o tempo, vamos introduzindo outras espécies, até chegar a um macho adulto de queixada”, explica.

Outra lição que a prática deu é que o recinto deve ter vários portões, chamados tecnicamente de cambiamento ou porta-guilhotina.

“As onças não devem associar um determinado local com a oferta de alimento. Muito menos humanos com comida. Por isso, o recinto possui seis portas, com telas, assim não existe o contato visual entre o animal e seus cuidadores”, explica Haberfeld.

Por último, com a experiência adquirida ao longo dos últimos sete anos, Sartorello derruba uma crença de leigos sobre como deve ser o recinto de aclimação. “O animal tem que ter a pior experiência possível no recinto porque a vida dele fora não vai ser fácil”, diz.



Captura para monitoramento de Fênix, filho de Pandhora nascido em 2018. Foto: J. Bachur/Onçafari

A reintrodução na Amazônia

Embora o Brasil não tenha ainda um protocolo para reintrodução de animais silvestres, há uma obrigatoriedade de acordo com a lei ambiental brasileira em relação à soltura da espécie no bioma em que ela foi capturada ou pertence originalmente.

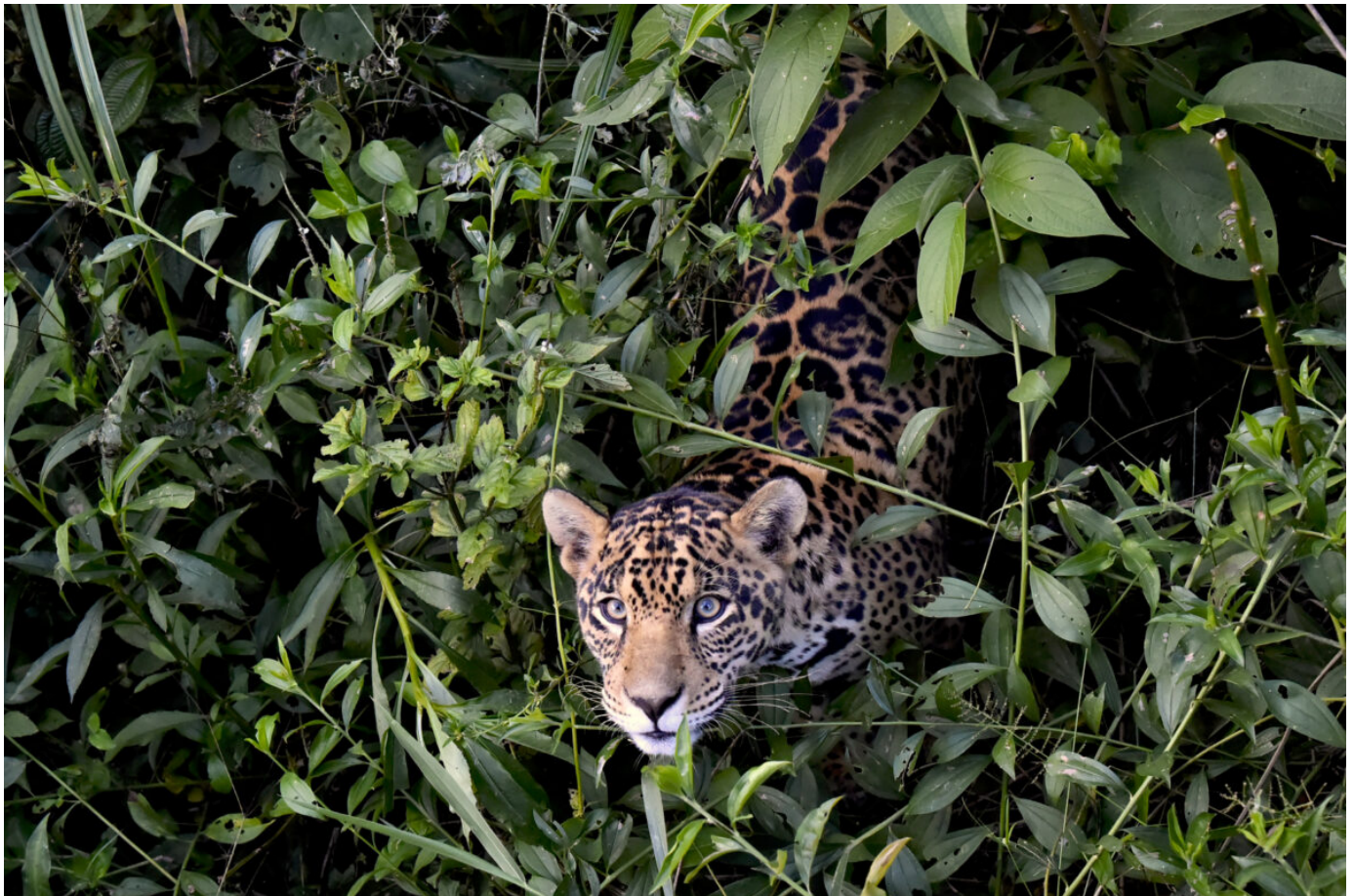
Existe somente uma espécie de onça-pintada no mundo, mas em nosso país, os biólogos sabem que, dependendo do seu habitat, ela possui um biotipo diferente.

No Pantanal, uma planície onde não se exige tanto esforço físico para a sobrevivência, as onças são maiores. Já foi encontrada uma no bioma com 148 kg. Enquanto isso, na Amazônia ou na Mata Atlântica, com áreas de mata mais fechada e serras, onde as presas conseguem se esconder melhor, as onças são mais esguias e leves. O peso médio é de 67 kg.

Xamã foi encontrado no norte do Mato Grosso, numa região considerada amazônica, por isso sua reintrodução será feita naquele bioma.

Antes dele, duas outras onças-pintadas foram submetidas pelo mesmo processo, Vivara e Pandhora. Elas foram resgatadas no Pará com aproximadamente um ano e encaminhadas ao Instituto NEX No Extinction, entidade que recebe e cuida de felinos em Corumbá de Goiás (GO).

De lá, seguiram depois de algum tempo para o recinto criado pelo Onçafari dentro da Pousada Thaimaçu, no município paraense de Jacareacanga. Passaram pelo mesmo protocolo usado com Fera e Isa e, em julho de 2019, foram soltas na floresta.



Vivara, antes de ser levada para a Amazônia. Foto: Adriano Gambarini/Onçafari

E assim será feito com o jovem macho. Após ficar cinco meses no Hospital Veterinário da UFMT, no final de janeiro Xamã foi transportado para o Pará. Se tudo correr conforme o planejado, quando tiver uns 2 anos, exames comprovarem que ele está com boa saúde e seus cuidadores acharem que está pronto para sobreviver sozinho, ele ganhará a liberdade.

Certamente o desafio da reintrodução na Amazônia é maior. Para começar, Sartorello revela que por causa do tamanho do recinto – evitou-se cortar árvores e destruir a vegetação, por isso ele é praticamente o dobro daquele do Pantanal, tem 15 mil m² –, mesmo com as câmeras, no meio da densa floresta, dificilmente se vê Xamã.

Outro ponto é que, após a soltura, as onças usam um colar GPS para seu monitoramento, mas o sinal só funciona durante um tempo predeterminado, depois disso o dispositivo se abre e cai.

No Pantanal, mesmo sem o colar, Isa e Fera eram observadas com frequência, reconhecidas pelas rosetas de sua pele. Com o passar do tempo, a equipe do Onçafari conseguiu registrar o momento em que cada uma delas apareceu acompanhada de novos filhotes. Na Amazônia, com a mata fechada, é improvável que se descubra se Pandhora e Vivara terão filhotes.



Vista de drone do recinto de 15 mil m², em Jacareacanga, onde Xamã é preparado para ser reintroduzido na natureza. Foto: Noelly Castro/Proteção Animal Mundial

A expertise brasileira exportada para outros países

O Brasil é considerado um país-chave para a conservação da *Panthera onca*, uma vez que concentra as maiores populações da espécie no planeta. Estima-se que dos poucos mais de [170 mil indivíduos ainda em vida livre](#), em regiões que vão do México até a Argentina, metade desse número viva em nosso país e pouco menos de um quarto na Amazônia brasileira.

A reintrodução de Pandhora e Vivara, e daqui a um tempo a de Xamã, talvez não seja de grande impacto na Amazônia, diante de uma população tão grande. Contudo, os especialistas do Onçafari acreditam que ela será importante para servir de modelo para outros biomas, principalmente a Mata Atlântica.

O que se sonha é que toda essa expertise possa ser usada na elaboração de um protocolo nacional de reintrodução da espécie.

“O dia que chegarem e falarem que é preciso soltar onça na Mata Atlântica, um bioma extremamente ameaçado e com uma população não muito grande da espécie, não vamos poder errar. E é aí que vai contar nosso know-how e experiência obtidos no Pantanal e na Amazônia”, ressalta Leonardo Sartorello.



O jovem Xamã no Hospital Veterinário da UFMT, em Sinop, sendo acomodado numa caixa de transporte antes de ser levado para seu recinto no Pará. Foto: Noelly Castro/Proteção Animal Mundial

O custo da reintrodução de um único animal gira em torno de R\$ 500 mil. Envolve os recursos necessários para transporte, manutenção, medicamentos, exames de saúde e remuneração da equipe. Com Xamã, o Onçafari contou com o apoio financeiro da Proteção Animal Mundial.

“Retornar esse animal para a vida selvagem é de máxima importância para nós”, afirma David Maziteli, gerente de Vida Silvestre da organização. “Além do mais, esse processo proporciona a oportunidade de aprendizado e de geração de ciência e conhecimento, tão fundamentais para a preservação dessa espécie-símbolo da nossa fauna.”

Esse aprendizado brasileiro já chama a atenção de entidades de conservação de outros países. O Onçafari foi procurado por instituições do México e de Belize, onde existem populações desses felinos, para demonstrar o que vem sendo feito no Brasil.

Enquanto isso, no Parque Nacional Iberá, no norte da Argentina, foi um macho brasileiro que se tornou o pai dos primeiros filhotes de onça-pintada a nascerem em vida livre após 70 anos no local.

Jatobazinho foi encontrado doente no Pantanal e levado para o recinto do Onçafari. Depois de tratado, decidiu-se por doá-lo ao projeto de reintrodução no país vizinho, conduzido pela Fundación Rewilding Argentina.

“É muito legal ver que esse processo que nós desenvolvemos a princípio para salvar a Isa e a Fera, hoje em dia ajudou a trazer de volta a espécie num lugar onde ela estava extinta”, destaca Mario Habermeld.



Jatobazinho, macho brasileiro que ajudou a reintroduzir a espécie no Parque Nacional Iberá, norte da Argentina, depois de 70 anos. Foto: Mario Nelson/Onçafari

Fera, Isa, Vivara, Pandhora e Jatobazinho não são os únicos protagonistas dessa história. Nem apenas o Onçafari. Em outubro de 2020, Ousado também conseguiu ser reintroduzido com sucesso no Pantanal. Esse macho adulto de onça-pintada foi uma das milhares de vítimas dos incêndios que destruíram quase 30% do bioma naquele ano.

Resgatado pela organização Ampara Silvestre em Poconé (MT), ele teve queimaduras de segundo grau nas patas. Levado para o NEX, recebeu sessões de laser e ozonioterapia, além de aplicação de pele de tilápia. Semanas mais tarde, Ousado recuperou a liberdade. No mês seguinte foi flagrado caçando e, em 2021, acasalando.

“Os desafios foram muitos, mas vejo toda a situação do Ousado como algo de muito sucesso”, ressalta Jorge Salomão Junior, veterinário e responsável técnico da Ampara Silvestre. “Todos os profissionais e organizações envolvidos foram muito felizes e assertivos. Tanto que o resultado está aí: ele grande, forte, com território, copulando com várias fêmeas diferentes, isso documentado através de registros fotográficos e vídeos.”

Embora Ousado tenha sido um exemplo de sucesso, outra vítima do fogo no Pantanal, Amanaci, não teve a mesma sorte. As queimaduras nas patas foram ainda mais graves e comprometeram

sua habilidade de caçar. Hoje moradora do NEX, em março de 2022 ela deu à luz ao macho Apoena.

Com pouco mais de um ano de idade, em breve ele deve ir para o recinto do Onçafari no Pantanal. Em 2024, se tudo sair conforme os planos, esse jovem macho deverá ser o primeiro caso no mundo de uma onça-pintada nascida em cativeiro se integrando à vida selvagem. E no Brasil.

Como o turismo está ajudando a salvar a onça-pintada no Pantanal

Observar o maior felino das Américas solto na natureza sempre foi uma experiência rara – e, por isso mesmo, marcante. No Pantanal brasileiro, maior planície continental inundável e um dos principais refúgios da onça-pintada no planeta, este encontro tem se tornado cada vez mais frequente. No município de Miranda, no Mato Grosso do Sul, 95% ... Continue a ler



Notícias ambientais

0

Imagem do banner: o filhote Xamã sendo transportado para seu recinto de reabilitação na Amazônia paraense. Foto: Noelly Castro/Proteção Animal Mundial

Mais reportagens da Mongabay sobre fauna brasileira [aqui](#).

Categories: Sem categoria

[Leave a Comment](#)

Notícias ambientais

[Back to top](#)

[Exit mobile version](#)